

E LÁ VAMOS NÓS: CONHEÇA LAURA ARISMENDI E SUAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER EM FAMÍLIA ANTES DA IMIGRAÇÃO

RAMON DINIZ

Grandes festividades, pratos com sabores marcantes e praias de água cristalina. Com uma miscigenação cultural que abraça os costumes africano, indígena e espanhol, encontrar momentos de lazer na Venezuela não é uma tarefa difícil. Ainda mais para quem nasceu e cresceu no país localizado ao noroeste da América do Sul.

Para Laura Arismendi (28), venezuelana que reside em Presidente Prudente há três anos, lazer sempre foi um sinônimo de família. “Quando a situação estava boa, nós íamos para a praia. Todos juntos. Passávamos um final de semana ou um feriado prolongado. Essa era a forma da gente se divertir”, conta. “Meu sogro tinha uma casa na cidade de Río Caribe. Uma cidade com praias muito bonitas. Quando era possível reunir toda a família, já tínhamos um lugar para aproveitar”.

Não é à toa que algumas regiões do país sul-americano são apelidadas de “caribes venezuelanos”. Com pouco mais de 90 mil km² de extensão territorial, a Venezuela abriga uma diversidade de recursos naturais que inveja países da Europa e até mesmo os vizinhos do mesmo continente. Além de praias, diversos parques nacionais serviram como destino de passeio de Laura e sua família. “A natureza na Venezuela é muito bonita. Existem diversas cachoeiras e reservas no país. Por isso, visitar parques nacionais também era uma opção para descansar”, pontua Laura.

Não tão convencional

A “rinha de galos” é considerada uma prática ilegal no Brasil, a atividade mostra-se forte, ainda, em



Gran Sabana, região pertencente ao Parque Nacional Canaima, foi um dos destinos de lazer da família de Laura (à dir.) (Foto: Cedida/Laura Arismendi)

outros países da América do Sul, como é o caso da Venezuela. Maria Gimenez Gonzalez (56), sogra de Laura, explica que a briga entre as aves é, culturalmente, uma opção de lazer em seu país de origem. “O pessoal aposta bastante. Se reúnem, dão risada e ficam vendo os galos se encararem. Mas aqui no Brasil não pode, né?”

Resultado direto da colonização espanhola na Venezuela, as “rinhas” consistem no embate entre dois galos adultos e na aposta de “galistas” em um dos animais, movimentando altas quantias de dinheiro e objetos de grande valor - como carros, por exemplo. No Brasil, a pena para quem machuca, maltrata, fere ou abusa de animais é de três meses a um ano de detenção e multa.

Benefícios garantidos

“Apesar do lazer partir de uma ideia individual, voltado à escolha do indivíduo, é possível direcionar a prática para uma ação em família”, explica a educadora física Tatyane Perna Dias (34). “Esse tipo de lazer pode proporcionar a busca

da intimidade familiar e da interação social, por exemplo”.

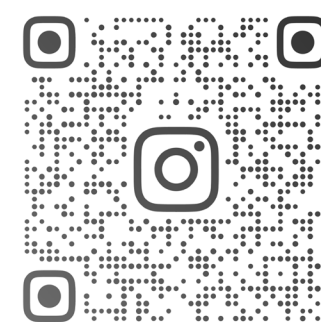


Laura (à esq.) e Maria (à dir.) contam que, no Brasil, a tradição do lazer em família continua. Agora, com jogo de cartas e churrascos (Foto: Nathalia Salvato)

Abra o spotify, escaneie o código e ouça a playlist



Siga o perfil no Instagram e explore outras histórias



ELCAMINOUNOESTE

CULINÁRIA VENEZUELANA TEM TRADIÇÕES E SABORES PASSADOS DE GERAÇÃO A GERAÇÃO

CLAUDIA BORGES

Comer é um ato universal. No entanto, a culinária está intrinsecamente ligada à cultura de cada região, com seus sabores, temperos, memórias e preferências. Por isso, cozinhar é mais do que suprir a necessidade do corpo, podendo ser uma herança familiar, que alimenta também a alma das pessoas.

Merlin Ayevalo Antoima (42) é uma imigrante venezuelana que reside em Presidente Prudente há dois anos e meio. Todo o amor que tem pela comida, Merlin desenvolveu observando sua mãe enquanto cozinhava. "Ficava olhando, sentindo os cheiros, vendo como cortavam os alimentos, como colocavam nas panelas e um dia resolvi fazer eu mesma". Ela começou cozinhando um arroz con pollo (com frango) aos 10 anos sob os atentos olhares maternos.

Comida com gosto de casa

Para Layda Josefina Dias de Farias (48), a tradição culinária é tão forte que a venezuelana moradora de Presidente Prudente cozinha todos os dias as comidas que aprendeu com sua mãe e avó desde os 10 anos de idade. "Comecei cozinhando aos poucos, de novinha mesmo, fazendo arepas, arroz e cachapas. Eu gostava muito de fazer ensopado de mariscos", recorda.

O amor pela comida venezuelana é tão grande que Layda conta que ainda não se acostumou com o tempero brasileiro e, para suas refeições e de familiares, segue cozinhando comidas típicas de sua terra, como o pabellón criolo, um dos pratos mais conhecidos da Venezuela feito com arroz, feijão



Pabellón criollo é um prato tradicional venezuelano, a versão local da combinação de arroz e feijão encontrada em todo o Caribe. (Foto: Nathalia Salvato)

preto, carne desfiada e banana da terra. A gente vai passando para nossos filhos tudo que aprendemos e eles passando para os filhos e assim vai seguindo a vida", finaliza Laiyda.

Frescas e com mais sabor

Com a proximidade do mar, o consumo de peixes e frutos do mar é base da alimentação de muitos venezuelanos. Inclusive, Merlin diz que sente saudades do gosto do peixe que fazia quando ainda morava no país. "Nós fazíamos muito ensopado de pescado e eu sinto muita falta disso aqui. Em Prudente, até por ser longe do mar, todo peixe chega congelado e não tem o mesmo gosto", lamenta.

Outro alimento tradicional é o mango, um tipo de manga típica da região, que não é encontrado no Brasil. "Minha casa tinha um quintal cheio de árvores de frutas e a que eu mais gostava era o mango, do jeito que tirava do pé podia comer, era doce como mel, delicioso", lembra.

Merlin afirma que não comiam

muitos grãos ou temperos prontos, a base da comida eram as arepas, carnes desfiadas, frango, peixe, banana, arroz e macarrão. "Nossa comida tem muita alegria, tem muito amor.

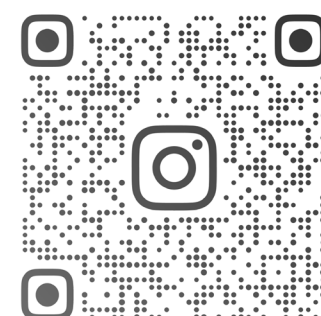


Típica do Natal as halhacas são feitas com farinha de milho, recheadas com carnes e legumes e envoltas em folha de bananeira antes de cozinhar. (Foto: Cedida / Merlin Antoima)

Abra o spotify, escaneie o código e ouça a playlist



Siga o perfil no Instagram e explore outras histórias



ELCAMINOUNOESTE

NADA DE FUTEBOL! BEISEBOL É O PRINCIPAL JOGO NA CULTURA ESPORTIVA VENEZUELANA

NATHALIA SALVATO

Uma bola, um taco, quatro bases, duas equipes, cada uma com nove jogadores posicionados para defesa e ataque para alcançar a maior quantidade de "runs" (pontos). Estas são algumas características do beisebol, o principal esporte na Venezuela.

No jogo, o "pitcher" (lançador) arremessa a bola três vezes para o "runner" (batedor), posicionado para acertá-la com um taco. Atrás do batedor fica o "catcher" (apanhador) que pertence ao mesmo time do lançador. Para que a partida prossiga, o jogador precisa rebater a bola para longe com a intenção de ganhar tempo e correr por todas as bases do campo, podendo parar em uma ou passar para seguinte. Caso ele consiga superar por todas as bases, sem que os chamados "fielders" (interceptadores) alcancem a bola, sua equipe ganha um ponto.

Oscar Eduardo Suarez Garcia (41), venezuelano, morador de Presidente Prudente há quase três anos, é fã de beisebol desde criança. Ele conheceu o esporte pela sua família, pois seu pai era fã de um time, sua mãe de outro e seu irmão de outro. Eles brincavam entre si sobre tamanha "rivalidade". Seu time favorito é o Navegantes del Magallanes, o mesmo de seu pai.

Hoje em dia, Oscar ainda acompanha alguns jogos pela internet já que o Brasil não tem a cultura de transmitir o esporte pela televisão. "Sei que aqui em Prudente quem joga mais beisebol são os japoneses e me falaram que é muito caro praticá-lo no Brasil."

Ao ser questionado se gosta de futebol, Oscar diz que gosta muito das camisetas, principalmente da



Oscar guarda um boné de seu time favorito, Navegantes del Magallanes (Foto: Ramon Diniz)

do Corinthians, mas não entende nada do jogo. "Meu filho fala 'pai, por que você usa a camiseta de um time se você não gosta dele?' Eu só gosto da camiseta, não sei nome de jogador, não sei nada de futebol."

Yoel Mata (23) e Jackson Herrera (22) também são amantes do beisebol e são imigrantes venezuelanos que residem em Presidente Prudente há dois anos e meio. Eles contam que, na Venezuela, quando eram pequenos, tinham o costume de acompanhar jogos regionais e times do esporte na televisão e nos estádios. "Na cultura de lá é mais comum o beisebol do que o futebol", comenta Jackson.



Yoel (à esq.) e Jackson (à dir.) são vizinhos e vieram juntos da Venezuela para o Brasil. (Foto: Ramon Diniz)

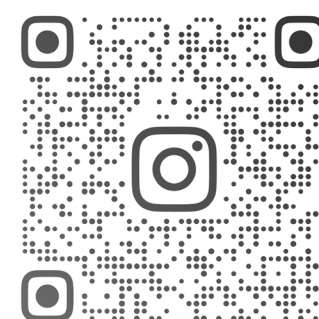
Ainda segundo os jovens, o Navegantes del Magallanes, equipe favorita dos dois, e o Leones del Caracas são os times mais famosos do país e são rivais. "A gente fazia apostas para o time ganhar, era muito legal", lembra Yoel.

Além do beisebol, tanto Oscar quanto Jackson e Yoel contam que na Venezuela é comum gostarem de basquete também, mas não com tanta força quanto o esporte tido como mais famoso do país.

Abra o spotify, escaneie o código e ouça a playlist



Siga o perfil no Instagram e explore outras histórias



ELGAMINOUNOESTE

ENTRE O VELHO E O NOVO: CONHEÇA A DIVERSIDADE DA CENA MUSICAL VENEZUELANA

CLAUDIA BORGES

Batidas marcantes e um ritmo dançante, apesar da mistura do cenário musical venezuelano, estas são as características mais comuns nas melodias que caem no gosto popular. Uma prova disso é o joropo, dança típica venezuelana.

Com pitadas de salsa, flamenco e muito do ritmo trazido pelos instrumentos africanos, o joropo começou como um tipo de festa do povo lhanero, proveniente das planícies venezuelanas chamadas Los Llanos que ficam localizadas na divisa entre Venezuela e Colômbia. A música tradicional da festividade ficou tão popular que foi batizada com nome homônimo em 1882.

Com batidas aceleradas e movimentos que envolvem mãos e os pés, o joropo possui diferentes características a depender da região do país que é tocado.

Um país de muitos ritmos

Apesar da dança tradicional se manter viva, outros ritmos vêm dominando as paradas de sucesso do país. "Nós escutamos de tudo um pouco, tem reggaeton, salsa, hip-hop e até ritmos brasileiros, como funk e sertanejo", conta o venezuelano morador de Presidente Prudente há dois anos, Yoel Mata (23).

Ele destaca a grande diversidade de cantores e bandas de outros países e que fazem sucesso na Venezuela. Uma rápida busca ao streaming de música Spotify confirma isso já que tem no top 50 do país cantores de Porto Rico, Colômbia, Estados Unidos e até do Brasil, além, claro, de artistas nativos.



Terceiro integrante da direita para esquerda, Jackson Herrera junto ao seus companheiros de dança vestidos com figurino de show (Foto: Cedida/Jackson Herrera)

"Nós escutamos música desde criança, seja para fazer serviços de casa, para diversão e até para cozinhar, quando reunimos a família", pontua Yoel.

No compasso

"Sempre gostei de dançar", lembra Jackson Herrera (24) também residente da cidade de Presidente Prudente. "Na minha casa nós fazemos tudo com música, limpamos, nos divertimos e até cozinhamos. Quando unimos a família para o Natal minha mãe liga a música e ficamos todos na cozinha, descascando e dançando", conta.

Jackson, que mora no Brasil há dois anos e meio, diz que começou a dançar em eventos escolares ainda criança. Gostou tanto que decidiu fazer isso como profissão. "Eu fiquei cinco anos dançando em uma academia de dança, me apresentando profissionalmente em eventos de empresas, casamentos, formaturas e onde mais nos chamassem", lembra.

Na academia, Jackson conta

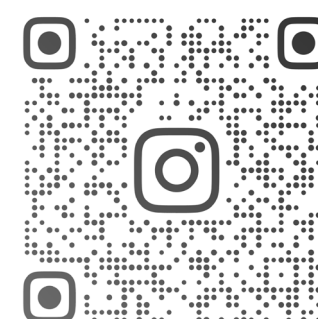
que dançavam diferentes ritmos além dos tradicionais, como hip-hop, jazz, break dance, salsa e até funk. "Dependia do que o cliente pedia e do tipo de evento que estávamos fazendo, no geral acabava misturando tudo", conta.

"A música está na minha alma, quando escuto quero logo sair dançando, não importa o ritmo", finaliza Jackson.

Abra o spotify, escaneie o código e ouça a playlist



Siga o perfil no Instagram e explore outras histórias



ELCAMINOUNOESTE

“E POR FALAR EM SAUDADE...”: COMO É SUPERAR A DOR DO SENTIMENTO VIVENDO EM PAÍS DESCONHECIDO?

RAMON DINIZ

“Meu consolo é esse. Ver minha filha, ter comunicação e saber que está tudo bem”, desabafa Rafael Angel Farias Mulato (52), venezuelano que há dois anos reside na área rural de Álvares Machado, município limítrofe a Presidente Prudente. Rodeado de pensamentos incertos devido à crise na Venezuela, Rafael decidiu vender seus próprios bens para custear as passagens de vinda ao Brasil. Neste processo, acabou por criar uma de suas maiores saudades: a da filha mais nova que ainda permanece no país de origem.

Rafael conta que os primeiros meses na nova realidade foram difíceis e desafiadores, principalmente por conta da saudade que crescia a cada dia. “Eu fiquei muito triste. Fiquei doente. Foram três meses chorando e em depressão. Nunca na minha vida eu havia passado por algo tão terrível”. Entretanto, o venezuelano encontrou na fé uma maneira de superar as barreiras do sentimento e, enfim, seguir a rotina ao lado da esposa e do filho mais velho, familiares que acompanharam Rafael na vinda ao Brasil.

Entendendo e superando

Reginaldo Hernandez (36), psicólogo e psicanalista, explica que nem sempre esse processo é a saudade como conhecemos. “O luto pode se manifestar de várias formas, não somente na perda de um ente querido. Deixar o seu país de origem para viver em um lugar totalmente novo também pode ser considerado um luto”. Para o especialista, as sensações sentidas por Rafael - tristeza, angústia e saudade -



Rafael Angel revela que trazer a filha mais nova ao Brasil ainda é um dos planos da família
(Foto: Nathalia Salvato)

são normais durante os estágios do luto e devem ser sentidas pelo indivíduo. “Cada pessoa deve lidar com o processo da forma que achar melhor para si mesmo. O que não ajuda é fingir que não está acontecendo nada”, defende.

No caso do venezuelano, além da ajuda da comunidade religiosa em que congrega, foi construindo uma rotina de contato que permitiu a ele lidar com os sentimentos relacionados à saudade. “Temos contato [com a filha] aos domingos, principalmente. Mas também durante a semana. A internet ajuda bastante. Estamos bem! Conversamos por videochamada”, conta, agora, bem-humorado.

Outras saudades?

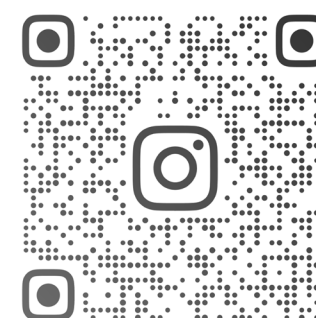
“Comida!”, responde o venezuelano sem pensar duas vezes. “É diferente. Como de tudo, não tenho problema com isso. Mas lá a comida tem muito gosto e é bem temperada”. Dentre os pratos que ainda permanecem vivos

no coração - e no paladar - de Rafael estão as arepas e o pabellón criollo. “Estas são as coisas que trago no peito e que ainda me dão muita saudade”, finaliza com um sorriso nostálgico que reafirma sua volta por cima.

Abra o spotify, escaneie o código e ouça a playlist



Siga o perfil no Instagram e explore outras histórias



ELCAMINOUNOESTE

FÉ E TRANSFORMAÇÃO: VENEZUELANOS ADOTAM DIFERENTES CRENÇAS E MUDAM ESTILO DE VIDA

NATHALIA SALVATO

O Censo de 2011 do Grupo Nacional de Investigaciones Sociales XXI aponta que 71% dos venezuelanos se consideram católicos; 17% se intitulam evangélicos ou de outra vertente cristã; 6% se apontam como agnósticos ou indiferentes à religião; 2% afirmam ser ateus; 2% incidem sobre outras religiões e 1% se dizem pertencerem à Santeria, religião sincrética característica dos povos da e próximos à América Central. A crença tem as suas raízes na religião africana iorubá, no cristianismo e nas religiões dos povos indígenas das Américas.

Ana Pugarito (56) é venezuelana, vive em Presidente Prudente há três anos e foi criada entorno de costumes católicos até os 15 anos de idade. "Minha avó era católica, ela rezava para os santos, levava a gente na missa aos domingos, nos ensinava a rezar de joelhos, tomar hóstia e obedecer".

Embora tenha crescido em um lar católico, na adolescência optou por frequentar uma igreja evangélica e adotar tais princípios. "Aos 15 anos fui visitar uma igreja pentecostal com uma amiga e tive o entendimento de que parecia mais correto, mas minha avó era uma pessoa muito rígida, não me deixava sair e foi muito complicado na época. Quando eu disse que queria ir na igreja evangélica, minha avó disse que eles eram loucos, mentirosos, disse que eles falavam bonito, e não gostou". De acordo com Ana, tal situação se estendeu até seus 17 anos, idade em que ela se mudou para a casa de sua mãe, também católica, mas indiferente à sua crença.



Ana Pugarito enfrentou desafios familiares ao decidir mudar de religião na adolescência (Foto: Caio Gervazoni)

Hoje em dia, em Prudente, Ana Pugarito frequenta a Casa de Oração para Todos os Povos, no Parque do Povo, e orienta seus filhos na mesma visão protestante.

Mórmons

O venezuelano Oscar Eduardo Suarez Garcia (41) reside no município há quase três anos, é adepto da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, seus seguidores são conhecidos como mórmons. Ele conheceu a doutrina por missionários que iam de porta em porta pregar a palavra há 22 anos. Ele foi o primeiro de sua família a ser batizado, em 2000, na sequência foi o irmão dele, três primos, uma tia e o pai. "Conheci minha esposa na igreja, ela congregava em outra cidade, mas nós sempre nos encontrávamos em eventos e reuniões. Meu filho mais velho foi batizado aos 8 anos, hoje ele tem 14."

Ele ainda expõe que o que o cativou a seguir essa doutrina foi o estilo de vida dos mórmons. "Nós não temos vícios, não bebemos álcool, não fumamos, não

bebemos café e temos a lei da castidade, o que eu gostei muito".

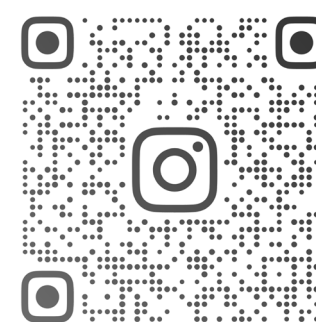


Oscar carrega a Bíblia junto com o Livro dos Mórmons e ambos estão em espanhol (Foto: Nathalia Salvato)

Abra o spotify, escaneie o código e ouça a playlist



Siga o perfil no Instagram e explore outras histórias



ELCAMINOUNOESTE